

Helena Frias, da Artes e Letras

“A redução de venda de livros é dramática”

Mais uma vez, a Livraria Artes e Letras, de Ponta Delgada, lançou um desafio a vários autores, para mais uma colecção de textos que, de formas distintas e únicas, homenageiam a cidade de Ponta Delgada, enquanto fonte de inspiração. Os autores são: João de Melo, Judite Canha Fernandes, Catarina Ferreira de Almeida, João Pedro Porto, Eleonora Marino Duarte, Daniela Sousa Medeiros, Bernardo Rodrigues, Diogo Ourique, Gina Ávila Macedo, Ana Monteiro, e Daniel Gonçalves. Fomos à conversa com Helena Frias, da Artes e Letras, sobre este novo projecto.

Mais uma colectânea da “Avenida Marginal”, da Artes e Letras. Fale-nos desta nova obra?

Passado um ano da primeira publicação, eis que chegamos ao que nos tínhamos proposto – o segundo volume de contos “Avenida Marginal – Ficções, Ponta Delgada”.

É o cimentar de um projecto editorial que iniciámos em 2019, e que tem como objectivo primordial mapear a cidade de Ponta Delgada através da ficção.

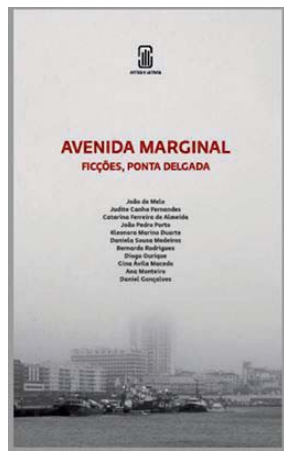
Este ano, a compilação reúne a voz de onze autores, nomes consagrados da nossa literatura, como é o caso de João de Melo, Judite Canha Fernandes, João Pedro Porto, Daniel Gonçalves, e outros ainda por descobrir, mas que aqui se revelam, como Catarina Ferreira de Almeida, Eleonora Marino Duarte, Daniela Sousa Medeiros, Bernardo Rodrigues, Diogo Ourique, Gina Ávila Macedo, e Ana Monteiro.

É esta mescla que valoriza e engrandece esta “Avenida”. Sou muito grata a todos.

A primeira Avenida Marginal, como se constatou, obteve muito boa aceitação. Quer isto dizer que, com mais esta colectânea agora de contos, o projecto tem pernas para andar e voltar com mais colectâneas noutros géneros?

A primeira edição foi realmente muito bem aceite, quer pelos leitores, quer pela crítica literária.

O conto foi, desde o início, o género literário escolhido, por ser uma ficção mais condensada, susci-



tando a curiosidade do leitor em relação a cada autor.

Não está fora dos nossos planos fazermos uma “Marginal” noutro género literário, mas para já a nossa aposta é na continuidade deste género.

Estas iniciativas revelam uma dinâmica muito própria e crescente na literatura açoriana. A Livraria Artes e Letras é, porventura, o recanto mais fulcral dessa literatura. Como vê a situação presente face a esta crise pandémica? A literatura e as vendas também sofrem com isso?

Os Açores sempre foram uma terra de grande produção literária.

São muitos os bons escritores açor-

rianos na literatura portuguesa, e não falo só de Vitorino Nemésio, de Antero de Quental ou Natália Correia, o universo é muito maior.

Agora, estamos a viver tempos muito difíceis e tumultuosos, tendo a cultura, na sua generalidade, e em particular o sector do livro, sofrido muito com a crise actual.

A redução das vendas é dramática, atingindo valores de quebra superiores a 50%.

A literatura em si não pára, é um acto criativo em constante, as dinâmicas é que foram alteradas.

Isto significa que as editoras têm de ter um critério mais selectivo e cuidado naquilo que editam.

Em confinamento devia haver

mais disponibilidade das pessoas para a leitura, mesmo sem se deslocarem às livrarias. As compras online serão o futuro? Certamente não será a mesma coisa do que o ambiente presencial da tertúlia livreira?

Uma das causas alegadas para as pessoas não lerem é precisamente a falta de tempo.

Neste sentido, numa época de confinamento, os índices de leitura deveriam aumentar, algo que não se verifica.

O que se regista, mesmo em plena pandemia, é que as vendas online só representam 10% na globalidade.

A Livraria SolMar, tentando ultrapassar essa situação, tem um serviço de vendas e entregas ao domicílio.

Evidentemente que nada substitui uma ida à livraria, e temos esperança de que, passado esta fase, tudo volte a alguma normalidade.

Como vai ser o futuro das livrarias neste país e em particular entre nós?

No presente, o que nós precisamos é de todo o apoio, que as pessoas comprem livros, pois eles são um bem cultural essencial.

Para além disso, precisamos que as entidades governativas apoiem o sector com necessidades urgentes, em particular na nossa região, com necessidades específicas.

Caso isto não aconteça, tememos pelo futuro do livro, dos autores e das livrarias.

journal@diariodasacores.pt

Mercado livreiro cai a pique

Não existem ainda dados relativos ao ano de 2020, mas de acordo com os últimos números de venda de livros em Portugal, disponibilizados pela consultora GfK, no final de Outubro o sector livreiro tinha recuperado algum fôlego da queda abrupta que registou devido à pandemia, mas ainda assim continuava com uma quebra de 15,8%, o que significava perdas no valor de 7,5 milhões de euros.

Para tentar ajudar o sector, em Abril, o Ministério da Cultura anunciou o lançamento de um programa

no valor global de 400 mil euros — reforçado mais tarde com cerca de 36 mil euros —, para aquisição de livros, a preço de venda ao público, dos catálogos das editoras e livrarias, até um máximo de cinco mil euros por editora e livraria, a serem distribuídos pela Rede de Ensino de Português no Estrangeiro e Rede de Centros Culturais.

A este valor acresceram 200 mil inscritos em orçamento para compra de livros para bibliotecas da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, privi-

legiando as livrarias de proximidade.

Estas medidas não foram bem recebidas pela APEL, que considerou não se aproximarem daquilo que os editores e livreiros tinham proposto, nem resolver os seus problemas.

Segundo a GfK, os dados relativos às vendas de livros em lojas físicas, entre a segunda semana de Março e a última de Maio, revelam uma perda de 16,1 milhões de euros (de 28 milhões em 2019, para 11,9 milhões em 2020), o que se traduziu numa quebra de 57,6%.

A partir do final de Maio e até ao final de Setembro, verificou-se uma recuperação e os valores entrados alcançaram os 39,6 milhões de euros, mesmo assim, menos 7,5 milhões do que em igual período do ano anterior.

Fazendo a avaliação total dos primeiros nove meses de 2020, os mais recentes disponíveis, o mercado livreiro português registou perdas no valor de 23,3 milhões de euros, face a 2019 (de 102,2 milhões para 78,9 milhões).